

MULHERES

**QUE
FALAM**

DE MULHERES

Ficha Técnica

Título Mulheres que falam de Mulheres

Projeto Memória e Feminismos: a voz de feministas num percurso de 40 anos. Coordenação de Teresa Sales

Revisão tipográfica Eugénia Morão, Joana Sales e Teresa Sales

Conceção Gráfica Manuel Diogo

Impressão Gráfica Sextacor, Soluções Gráficas, Lda.

Edição UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta • Memória e feminismos: a voz de feministas num percurso de 40 anos.

Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e N
1300-149 Lisboa

Tel. 21 887 005

E-mail: umar.sede@sapo.pt • www.umar.feminismo.org

Depósito Legal - 431478/17

ISBN - 978-989-99686-3-9

Agradecemos a todas as investigadoras que disponibilizaram os seus textos, contribuindo para a visibilização das mulheres como sujeito da História.

Todos os textos são da exclusiva responsabilidade das autoras.

Este livro foi subsidiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) no âmbito do projeto Memória e Feminismos: a voz de feministas num percurso de 40 anos.

Nem todos os textos seguem o acordo ortográfico.

Índice

5

Introdução

9

Histórias de vida inseridas num percurso de 40 anos de feminismos em Portugal

11

Maria Alice Samara

25

Ana Maria Braga da Cruz

33

Ana Maria Pessoa

45

Manuela Tavares

63

Natividade Monteiro

87

Teresa Joaquim

99

Virgínia Baptista

Memória e Feminismos ou a superfície de um “fresco”

Teresa Joaquim

Universidade Aberta/ CEMRI

Algumas notas pessoais

Ao ler outras biografias que constam deste livro – *Desocultando quotidianos de mulheres* (2014) – há também uma massa enorme de informação que ecoa na minha própria experiência enquanto aluna do liceu (antes do 25 de Abril), das grandes clivagens de classe (que nem conseguíamos explicitar), das cumplicidades políticas que nos últimos anos (6º e 7º do liceu) já conseguíamos dar forma, encontros... mesmo se de modo pouco organizado e até correndo riscos desnecessários. Nos anos anteriores (2º ciclo, então do 3º ao 5º ano), lembro-me de uma colega que me emprestou livros do pai, entretanto falecido, da editora Cosmos (julgo que ligada à iniciativa de Bento Jesus Caraça, universidade popular, etc.). Tudo silencioso. Lembro-me também como o espaço do liceu, só o consegui integrar, que ele não me fosse pesado / opressivo na sua arquitectura, após o 25 de Abril, quando fui procurar a minha professora de filosofia, Zília Borga Santos. Tenho uma má recordação do liceu. Lembro-me de que as questões de classe não eram verbalizadas, de certo modo, isso mantém-se hoje na sociedade portuguesa, mesmo no contexto feminista (ou dos feminismos), essas marcas são omitidas, silenciadas, bem como as famílias políticas e ideológicas de que proviemos. Lembro-me de que há relativamente pouco tempo, ao

ler uma tese de doutoramento e ao ver a lista dos membros, julgo que do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, reconheci nomes de mães de colegas ou pessoas próximas que trabalhavam nestas questões e que nunca tinham mencionado essa referência ou envolvimento em organizações de mulheres (mais do que um caso) como se essa participação política e cívica nunca tivesse existido. Recalcada.

Há a questão que Collin / Arendt chamaram “uma herança sem testamento”, da falta de transmissão entre gerações de um património simbólico que não ocorreu ou que foi “cortado” pelo Estado Novo e pelo salazarismo em termos de mobilização da sociedade civil, mas há também, de uma forma menorizada, uma insignificância ligada ao próprio projecto de luta, de compromisso, de transformação dos papéis das mulheres na sociedade portuguesa. Aquilo que José Gil designou como “não inscrição” e que se pode transpor para a transmissão das histórias das mulheres e dos feminismos, e também a das omissões que a *própria* história das mulheres, na sua elaboração conceptual e teórica, omite porque obrigaria / obriga a lidar com que o próprio movimento feminista na sua pluralidade barrou ou impede que seja dito; penso, por exemplo, nas questões sobre a maternidade, cuja discussão na actualidade, se vier ... virá de forma lateral, através das questões demográficas e não na sua politização e reivindicação simbólica da arte e trabalho de criar um ser humano, questão que tem tido muito mais dificuldade em ser assumida pelos movimentos de mulheres no contexto português do que, por exemplo, a afirmação nas questões LGBT.

Provavelmente falar das questões de classe pode ligar-se ainda a um olhar sobre a “condição feminina”, que era ainda não direi paternalista mas maternalista, como se nós próprias, as que tiveram acesso a estudos, estivéssemos impregnadas por uma noção de saber marcada pelo Iluminismo, noção de progresso, ciência, que desvalorizava essas outras

formas de saber, de conhecer, de experiência, em que o mundo feminino estava imerso. Ter a noção, em conversas com operárias (etc.), de que a nossa capacidade de argumentação podia “matar” / calar experiências, razões, formas de ver que nem sempre, ao nível da disputa e do diferendo, as mesmas conseguiam argumentar. Eram níveis de argumentação diversos, mesmo se partilho esta afirmação de Donna Haraway: “ Há um sério perigo em se romantizar e/ou apropriar a visão dos menos poderosos ao mesmo tempo que se alega ver desde a sua posição. Ter uma visão de baixo não é algo não problemático ou que se aprenda facilmente; mesmo que “nós” “naturalmente” habitemos o grande terreno subterrâneo dos saberes subjugados. Os posicionamentos dos subjugados não estão isentos de uma reavaliação crítica, de descodificação, desconstrução e interpretação [...]. As perspectivas dos subjugados não são posições ‘inocentes’. Ao contrário, elas são preferidas porque, em princípio, são as que tem menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo o conhecimento. Elas têm ampla experiência com os modos de negação através da repressão, do esquecimento e de atos de desaparecimento [...]. As perspectivas dos subjugados são preferidas porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo. Mas como ver desde baixo é um problema que requer, pelo menos, tanta habilidade com corpos e linguagens, com as mediações da visão, quanto têm as mais ‘altas’ visualizações tecno-científicas.” (1995: 22).

Era um saber que detinha poder e que podia silenciar e não é por acaso que alguns e algumas em diversos contextos fizeram experiências de “imersão” para viver a “condição operária”, a condição fabril, o embrutecimento do corpo, que faz com que o corpo não pense num quotidiano com poucas possibilidades de pausa. De tempo. E o pensamento requer tempo que não é uma categoria abstracta – nem o espaço – mas que me parece fez estas vidas, o tempo. *As ocupações quotidianas. A relação ao*

tempo não é neutra, é uma relação incarnada, como se ele viesse – de forma simplista – desde o grito do nascimento ao estertor da morte tal como diz a historiadora Arlette Farge, num texto sobre Walter Benjamin e a sua “tradição dos vencidos”: “Não se pode apagar os sistemas de afectividade que rodeiam as pessoas e que, para além do seu conteúdo emocional, são portadores de conhecimento e agentes da história. A história que se escreve é em primeiro lugar uma experiência feita sobre o mundo, e é ainda uma experiência sensível e intelectual face à morte” (2008: 29).

Projeto Memória e Feminismos

Tenho alguma dificuldade, ou várias dificuldades que se colocam ao querer apresentar a leitura que faço destas entrevistas de quatro mulheres que não conheço (excepto uma de passagem) e só o facto de não as conhecer cria desde logo uma das dificuldades. Mulheres marcadas por percursos de vida diversos, diferenças geracionais e de etnicidade. Casamentos e divórcios. Locais de nascimento tão diversos e em temporalidades diferentes, as idades na altura das entrevistas iam dos 83 e 76 aos 26 e 41. Uma das dificuldades da apresentação de alguém é de certo modo um problema de montagem do texto, de dar a ver vidas em paralelo. As vidas destas mulheres, uma a uma, são também elas formas diversas de sobrevivência, de uma forma mais aberta ou de forma mais difusa, nos percursos que realizaram e que realizam. Há ainda a questão *do* que se ouve e do *como* se ouve, desde há muito nas Ciências Sociais essa é uma questão chave do ponto de vista empírico e metodológico. Como referem as sociólogas Amparo Lasen e Elena Casado no epílogo do seu trabalho designado “Controversias e desasosiegos metodológicos: “em lugar de nos importarmos de maneira tão misteriosa, seria conveniente desenhar / criar metodologias que *recriem o momento em que se desliga o gravador*, que utilizem a própria experiência” (2014: 5).

O que remete por sua vez para o lugar do questionamento do sujeito e do objecto (e da sua própria dicotomia) e até que ponto o desejo de *rigor* científico não esconde e trai o que os sujeitos, as suas palavras, expressões, emoções, nos querem dizer. Como ainda a partir das palavras, das vozes, fazer / montar um texto qualquer que seja o seu suporte? Como dar a ver em simultâneo estas vidas diferentes? Talvez o problema que a escritora Ali Smith refere numa entrevista recente (*Ípsilon*, 12 / 05 / 2017) sobre a escrita dum livro, referindo Saramago, *A jangada de pedra*:

“Saramago lamenta que os escritores não possam, como os cantores de ópera, fazer várias coisas ao mesmo tempo com vários significados. Pela própria natureza da frase, da sintaxe e da construção da linguagem, mesmo que haja mais de uma coisa a acontecer em simultâneo, a linguagem tem de colocar uma *antes* da outra, uma *após* a outra, e assim por diante. [...] Tomei esta declaração como uma declaração de frustração, e ao mesmo tempo pensava na estrutura do *fresco*, e se seria ou não possível aplicar a uma narrativa a noção de existência por camadas simultâneas interligadas, como na superfície de um *fresco* terminado”.

Esta noção de *fresco* e da experiência por camadas simultâneas de existências interligadas parece-me dizer o trabalho destas vidas. Julgo que esta noção de *fresco* e de camada tem que ser referida ao contexto do Estado Novo e à ruptura que o 25 de abril de 1974 introduziu como *acontecimento* que marca um ‘antes’ e um ‘depois’ e que a antropóloga Cristiana Bastos descreve deste modo no sub-capítulo sobre “a longa década de 1970 e as suas dissonâncias cognitivas”: “[...] tal era o aparato ideológico que Portugal dava a si mesmo e aos seus pelos anos de 1970: mais plural que multifacetado [...] assentava numa tensão representativa contraditória, para não dizer esquizóide. Por um lado os portugueses eram passivamente transparentes, invisíveis nas paisagens líricas das aldeias de xisto, granito

ou cal, satisfeitos na sua contida pobreza [...]. Por outro lado, eram os heróis do mundo, os pioneiros, os mais fortes, os humanistas [...] em suma, os primeiros e os melhores. [...] Não se falava abertamente da emigração, da fome e da miséria nos campos e nas cidades, de trabalho forçado em África, de repressão aos Satyagraha na Índia, da guerra colonial, das prisões políticas e, por maioria de razão, de censura".((2017:164)

Penso que é o rosto multifacetado destes 40 anos de democracia que as vidas destas mulheres nos dão, ou antes um retrato do século XX da sociedade portuguesa à semelhança também deste projecto próximo da ideia de montagem das *Novas Cartas Portuguesas*: a de azulejo a azulejo, construir um painel de modo a que na construção do passado se imbrica a história, a nossa memória pessoal e a colectiva, elaborando-se deste modo a constituição de um sujeito, capaz de promessas, de ser senhor/a de si, de ter uma memória, fruto da imbricação entre ele e o outro.

Quatro biografias ou “o desejo de viver com os outros”

Das quatro biografias que me coube ler:

Julieta Rocha, 78 anos, natural de Lagos, ex- operária conserveira, viúva. Vive em Almada ou *“A vida foi muito difícil para mim. [...] o 25 de abril foi uma alegria, foi a coisa melhor que me aconteceu”*.

Mariana Maria, 84 anos, natural de Ourique, teve 3 filhas: *“cantar, a força que tinha parecia que não sabia onde chegava”* e *“será que às outras faltas lhes coragem?”*.

Nitakumari Shazad, 44 anos, etnia hindu, nasceu em Moçambique. Vive na Costa Caparica. Tem cinco filhos. Comerciante. Ou *“eu acho que a mulher não deve deixar de sonhar”*.

Liliana Mesquita, 28 anos, nasceu em Coimbra, etnia cigana, casada e tem 2 filhos. Desempregada ou “viver um bairro misturado com pessoas” .

Ao ler e reler estas biografias direi que há um corte entre antes e pós 25 de Abril nas vidas destas mulheres, não só em termos de temporalidade mas sobretudo na forma de lidarem com as condições de vida que são atravessadas por questões similares: a pobreza, o trabalho, o casamento ou o “juntar-se” (cujo significado era bem diferente do casamento “legítimo”), os filhos, o aborto. Trabalhos passados desde a infância e em condições que se aproximam de algumas descrições de trabalhos duríssimos realizados por mulheres em *As Mulheres do meu país* (1948-50) de Maria Lamas como, por exemplo, o de carrejona (carregar à cabeça cestos, mobílias, sacos de batatas), como nas minas carregando cestos de carvão, nas fábricas, na construção de estradas. As longas distâncias a serem percorridas a pé até à fábrica. Todas estas tarefas realizadas em simultâneo com o cuidado dos filhos e das filhas, da casa (a constante referência à falta de condições de habitação), e também a persistente referência ao analfabetismo e à ignorância. A impossibilidade de participação na vida pública que tem sido omitida pela incidência da ideologia do Estado Novo e o seu ideal da domesticidade, escamoteando a longa tradição de trabalho assalariado das mulheres em Portugal.⁸

Tanto em Julieta Rocha como em Nitakumari Shazad a referência à escravidão. Nesta: “eu sou muçulmana, e posso dizer que a mulher muçulmana é como se fosse uma escrava, digamos assim, uma escrava da sociedade” (p. 142); em Julieta Rocha, por exemplo, no modo como a passagem de um trabalho para outro era o de “uma escravidão para outra” já que na simultaneidade dos tempos, as suas vozes dizem-se em contraponto como a Julieta Rocha: “a vida foi muito difícil para mim” e também “[...] a liberdade, quando uma pessoa andava deprimida com um sofrimento tão grande, foi

a coisa mais bonita que aconteceu, foi o 25 de Abril” (p. 76) e a de Mariana Maria : “tive muitos cuidados com a vida, trabalhar para sustentar três filhas, vestir e calçar”. “Eu tinha 25 anos quando fiquei sozinha e nunca mais arranjei nenhum” (p. 30). Mas é como se no percurso de Mariana Maria houvesse uma espécie de ligeireza que se vai instalando, a possibilidade de fazer o que gostava desde jovem: “[...] cantar ou caçar ou cantar⁷², eu sabia o mesmo que sei agora, só que não fazia” (p. 31). A música como possibilidade de viagem, de encontro, de liberdade.

No cruzamento destas biografias, nesse *fresco*, retomando a ideia da escritora Ali Smith anteriormente referida, há também não só o aparecer uma outra face do 25 de Abril nomeadamente na biografia de Nitakumari Shazad, de 41 anos, que veio de Moçambique com a descolonização. Foi duas vezes à Índia para conhecer o noivo – “casamentos arranjados” – e que realizou o casamento contra a vontade dos pais. Ela é hindu e o futuro marido muçulmano (p. 137): “são religiões que chocam muito” e já sobre o segundo casamento: “Eu gosto muito do meu marido, mas se eu tivesse de o deixar por alguma razão, deixava-o pelos meus filhos: ia atrás do meu sonho. Eu acho que a mulher não deve deixar de sonhar “(143)

Há nas biografias destas mulheres mais jovens, Nitakumari Shazad e Liliana Mesquita, uma incidência maior no mundo afectivo, que não aparece da mesma forma nas vidas de Julieta Rocha e de Mariana Maria. Há certamente como que um fio que atravessa estas vidas, um desejo de mudança: do ponto de vista político, da independência, da possibilidade de escolha do projecto de vida, nas duas últimas em relação aos filhos e no caso de Liliana Mesquita do seu próprio percurso de trabalho, de habitar, de “viver com os outros”), relembrando o belo título de um livro de Isabel da Nóbrega:

⁷² Cantar no Baldão (« cantar às vozes ») acompanhada com viola: <https://www.youtube.com/watch?v=frBEYaylHNY>

“eu já disse ao senhor vereador que eu, por ser cigana, não quer dizer que não consiga viver com pessoas que não são ciganas” (p. 86), o desejo de não viver segregada no Bairro Nómada na Ponte do Açude, em Coimbra: “Gostava de não estar aqui neste bairro [...] Um bairro que não tivesse só famílias ciganas, num bairro com todas as pessoas: [...] que não fossem só ciganas, um bairro misturado com pessoas” (p. 91).

Nas biografias de três destas mulheres, há detalhes sobre o modo de vestir. Em Mariana Maria: “e eu com o meu feitio, que o traje era todo do homem, nunca cheguei a usar uma saia (p. 33) e chamavam-lhe a “machorro do Atravessado” (idem): *Atravessado* sendo o nome do monte onde nasceu em Ourique e ‘machorro’, segundo o dicionário Houaiss, “é aquele que é incapaz de procriar, estéril, nomeadamente do cruzamento de duas raças”. Como ela diz: “pensava que eu era um homem”, “a gente às vezes também não gosta, mas é assim, a vida força-se assim”; “eu não tinha medo”, que ela formula nesta interpelação por causa do alcoolismo do marido: “eu não acabarei com isto ?” (p. 33).

A ruptura que Liliana Mesquita introduz ao usar calças, face à ideia sobre o modo de vestir das mulheres de etnia cigana. Em ambas há um corte com uma certa ideia de feminilidade em relação a modelos culturais dominantes passados (no caso de Mariana Maria) e presentes (no caso de Liliana Mesquita).

No conjunto destas histórias de vida, há referências esparsas às questões da sexualidade. Julieta Rocha refere o assédio sexual pelos encarregados e patrões na fábrica de conserva onde começou a trabalhar muito jovem. Iniciou o trabalho com 6 anos para obter algo para matar a fome: “era tudo miséria! A luta por melhores condições de vida, as palavras obscenas da policia. Os abortos com “pé de salsa”, tal como a mãe lhe ensinou. A luta pela educação: “sei ler e escrever porque aprendi com os meus camaradas

aos 31 anos, já em Almada” (p. 76). Sobre o aborto: “ninguém tem o direito de mandar no corpo de alguém” (idem). Julieta Rocha é destas quatro mulheres a única que refere explicitamente a luta política, a organização da luta contra a falta do pagamento devido pelos donos das traineiras, a tortura na prisão: “levantaram-me o bico do peito todo com uma pinça” (p. 73). “Claro, depois daquela luta não me davam trabalho, para mim nem ao meu marido. Nunca mais pude voltar para a fábrica nem ele para o mar” (p. 75).

Desemprego, como um fio que percorre estas vidas no passado e no presente sob formas diversas, como diz Julieta Rocha: “quando se diz assim, no tempo do Salazar havia montes de empregos, a gente saía de um lado e ia logo para o outro. Oh meu amigo, a gente saía duma escravidão e íamos para outra” (p. 72). Com Liliana Mesquita, na actualidade as dificuldades de emprego pela falta de formação, pelo local onde mora, a ostracização que representa viver no Bairro Nómada. Em todas as biografias, há o fio da relação com os maridos / companheiros. Como diz Liliana Mesquita: “se há pessoas ciganas ou não ciganas que não estudaram, elas que aproveitem a oportunidade, que estudem e sejam livres. E que não estejam agarradas ao marido”.

Para (quase) concluir:

Este projecto *Memória e Feminismos* inscreve-se no âmbito de uma das tarefas do movimento feminista, a de reconstituição de memórias (passadas e presentes) através da criação de arquivos, Centros de Documentação, etc. Gestos feministas como modo de criar nexos entre práticas políticas e culturais em ligação com um novo sujeito político que para poder afirmar a sua existência teve que repensar a sua elaboração no presente e no passado. Memórias sobretudo de mulheres e que nem sequer foram amputadas

mas, sim, recalcadas e excluídas Elas estavam aí presentes mas sem serem lidas, ouvidas, etc. Como diz Guilia Collazi:

“As práticas feministas dos últimos anos foram uma revisão epistemológica da razão ocidental” (1990: 14), o que foi feito segundo esta autora através de uma dupla operação: marcar sexualmente e historicizar” (idem), isto é: “pensar o corpo como metáfora, não o lugar homogéneo da alteridade mas sim um espaço historicamente determinado e atravessado por uma multiplicidade de práticas discursivas” (idem: 25). Essa multiplicidade de práticas discursivas ou outras, que é feita na e pela singularidade de cada um e de cada uma, como afirma Marc Augé: “A narrativa de cada vida não é feita da sobreposição de narrativas, mas atravessa-as a todas com um traço original, idiossincrático; e essa narrativa está implicada colectivamente, porquanto por mais solitário que possa ser o seu percurso, pelo menos é assombrada pela presença do outro, sob a forma de um remorso ou uma saudade: de modo que de maneira diferente mas sempre acentuada, a presença de outro ou de outros é tão evidente ao nível da narrativa mais íntima quanto a do indivíduo singular ao nível mais abrangente da narrativa plural ou colectiva” (2001: 52-53).

Ou de outro modo, desejo de “viver com os outros” ou azulejo a azulejo construir um painel.

Bibliografia

Abrantes, Pedro, 2013, *A escola da vida. Socialização e biografia(s) da classe trabalhadora*, ed. Mundos sociais

Idem, 2013, “Biografia(s) da classe trabalhadora”, in Carmo, Renato Miguel (org.), *Portugal, uma sociedade de classes. Polarização social e vulnerabilidade*, Le Monde Diplomatique ed. portuguesa p. 79-90

- Augé, Marc, 2001, *As formas do esquecimento*, trad. Ernesto Sampaio, Íman Edições
- Brasão, Inês, 2013, "História do trabalho de Mariana Bonfim", in Carmo, Renato Miguel (org.), *Portugal, uma sociedade de classes. Polarização social e vulnerabilidade*, Le Monde Diplomatique ed. portuguesa, p. 91-101
- Bastos, Cristiana, 2017, "Utopias, portais e antropologias urbanas: Gilberto Velho em Lisboa", *Análise Social*, 222, LII (1º), p. 162-174
- Collaizi, Giulia (ed.), 1990, *Feminismo y teoría del discurso*, Cátedra,
- Farge, Arlette, 2008, "Walter Benjamin et le dérangement des habitudes historiennes", in Simay, Philippe (org.), *Walter Benjamin. La tradition des vaincus*, cahiers d'anthropologie sociale 04, L'Herne, pp. 27-32
- Gole, Nilufer, 2003², *Musulmanes et modernes. Voile et civilisation en Turquie*, avant-propos et postface inédits de l'auteure, traduzido do turco por Jeanine Reagel, La Découverte
- Haraway, Donna, (1995), « Saberes localizados : a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial » *cadernos pagu* (5) 1995: pp. 07-41.
- Joaquim, Teresa, 1985, *Mulheres de uma Aldeia*, Ulmeiro
- Lasén, Amparo y Casado, Elena, 2014, "Epílogo: Controvérsias y desasosiegos metodológicos", in Lasén, A. y Casado, E. (eds.), *Mediaciones tecnológicas. Cuerpos, afectos y subjetividades*, CIS, p. 153-163
- Poirier, Jean, Clapier-Valladon Simone, Raybaut, Paul, 1995, *Histórias de vida. Teoria e prática*, trad. João Quintela, Celta
- Sales, Teresa (coord.), 2014, *Desocultando quotidianos de mulheres*, ed. União de Mulheres Alternativa e Revolta / Projecto Memória e Feminismos: novos olhares, outras vozes
- Quero agradecer à Teresa Sales e à Manuela Tavares o convite para a leitura das biografias de Julieta Rocha, Mariana Maria, Nitakumari Shazad e Liliana Mesquita.